

Jogo de Jene: Os Grao-Capitães.
Linha: Edições 70, 1979

OS GRAO-CAPITÃES

mesa, e vai pela galeria fora, guardando ainda, enquanto dá com as pernas passadas largas que parecem lentas, o porta-moedas. E tem de desviar-se do criado que se lhe atravessa no caminho. A galeria fica praticamente deserta. A mancha amarela de um eléctrico percorre longamente o corrimão de crómio. Mas, dali a pouco, o rapaz volta, com o rosto tenso de frustração agoniada, mãos nos bolsos das calças, o peito metido para dentro, as pernas bambas. Hesitante, chega a contornar o balcão, para espreitar a outra entrada. Regressa. Ao pé da mesa onde ele estivera, o criado recolhe as moedas. O rapaz pára ao lado, e diz: — Viu aqueles gajos que estavam ali sentados? — e, com um aceno de cabeça, indica a mesa onde as moedas brilham ao pé das duas chavinhas. O criado fita-o sem responder. O rapaz meneia, de sobrolho franzido, a cabeça de baixo para cima e de cima para baixo: — Gajos como aqueles paneiros não deviam poder entrar nos cafés dos homens —. O criado sorri e afasta-se. O rapaz fica imóvel, de olhos caídos. E, distraidamente, as mãos saem-lhe dos bolsos e aflagam suavemente as nádegas.

Assis, 9/6/61.

Os Salteadores

*Where Lusitania and her Sister meet.
Deem ye what bounds the rival realms divide.*

*(Que à Lusitania e Sua Irmã separa
como fronteira aqui, nações rivais?)*

BYRON — *Childe Harold's Pilgrimage*
(C. I — XXXI)

«Trás-os-Montes. 1953»

Numa lividez que era névoa rolando pelos pedregais e difractingo uma lua para além dela, a paisagem sumia-se lentamente, à velocidade cautelosa do carro, cujos faróis iluminavam, amareladas e constantes, as curvas tortuosas da estrada de serra. Vultos negros arfavam nos balanços sacudidos e vacilantes, e eram uma árvore despida que, mais próxima, se esbranquiçava, um cabeço rochoso emergindo da encosta, matagais rasteiros que pareciam ondular a um vento que não havia. Às vezes um vulto encinzeirado tinha semelhanças de casa perdida, casebre mal se distinguindo da serra a que se incrustava, feito da mesma pedra que as montanhas. Na solidão silenciosa e suspensa, apenas o ronronar do motor, cujas peculiaridades rítmicas assumiam carácter próprio, se dissociavam umas das outras, em sussurros cavos e em sacões agudos, apenas o ronronar ecoava sonolentemente, às vezes acentuando e outras delindo um chiar corrido e estralejado como que de águas no fundo dos vales.

Dentro do carro, agasalhados na tepidez afogueada do cansaço e do cheiro das roupas húmidas, os dois homens cabeceavam, com os olhos piscos fitos

na amarelidão saltante que os faróis abriam, e em que o vulto do «chauffeur» se inclinava a um lado e outro, acompanhando com o volante as deslocções dos faróis varrendo as curvas. Nenhum deles ia mergulhado nos próprios pensamentos, mas suspensos no rememorar confuso de frases soltas (sobradas da conversa impessoal com que haviam entretido as horas de viagem), de recordações íntimas e intransmissíveis (subjacentes a e sem qualquer conexão com a troca de impressões, em que a irritação de ambos fizera coro, acerca de intrigas de serviço) que a escuridão, a monotonia, o isolamento, o frio que embaciava internamente os vidros, amplificavam obsessivamente, fechando cada um no vegetal entediado e sensual das próprias vidas, na incomodidade cabeceante, mole e contraída, em que um almoço gorduroso e provincianamente demorado, comido havia horas, prolongava, na imobilidade forçada e trepidante, flatulências ácidas.

— Por esta altura foi que, há anos, encontrei dois lobos — disse um deles, cujo volume rotundo refundava, à esquerda, o assento, forçando às vezes o outro a segurar-se à pega do carro, para não tombar sobre ele.

O outro não respondeu. E a voz, roufenha e pegajosa, depois de pigarrear, prosseguiu, entrecortada pelas curvas da estrada: — Vínhamos também de Montalegre, o Silva e eu, quando, numa noite assim, um par de lobos saiu diante de nós, e ficou encandeado com os faróis. Era eu quem conduzia. Parei o carro, puxei da pistola que trazia sempre no carro comigo, abri a porta, o Silva protestava em altos brados, e eu a dizer-lhe que se calasse, e disparei dois tiros. Os lobos empinaram-se, e aos saltos sumiram-se nas estevas. Ainda fui até onde eles tinham parado, a ver se os ferira, se havia um rasto de sangue, na neve meio derretida. Não havia.

Calou-se, e o outro, sem curiosidade, ficou, numa semi-sonolência, procurando com os olhos um par de lobos, que saltasse para a estrada, à frente do carro, e, ao mesmo tempo, perpassavam-lhe na memória gestos e atitudes do Silva, que era o velho e chatíssimo chefe de ambos, homem de outros tempos nas convicções absurdas de um empirismo técnico e de uma visão rígida e primária das coisas da vida, e que tinha da profissão, exercida com refinada avareza nas despesas de viagem, um conceito de feudal grandeza, em que a chefia permitia uma camardagem grosseira, de pilhérias de bordel, mas não admitia qualquer invocação da autoridade livresca das mais recentes investigações técnicas. Para ele, tudo se resolvia em decisões formais, de que era no íntimo extremamente receoso, ou em desaforadas gritarias com que calava toda a gente, impondo uma autoridade que elidia, no momento, a adopção de soluções concretas que ultrapassassem a sua experiência. Era-se então obrigado a ouvir, pela centésima vez, o relato de como, numa iluminação súbita, e contra a petulância, aliás real, dos homens de laboratório, resolvera o grave problema de...

A voz roufenha e pegajosa, em que palpitavam tons de risonha bonhomia e traços reprimidos da amargura de um homem para quem a profissão era tudo, e via à sua frente passarem os aventureiros e os intriguistas (traços que prolongavam a conversa que ambos tinham tido), voltou a falar: — Naquele tempo, e não foi há muitos anos, era perigoso, depois do anoitecer, atravessar estas serras desertas. Agora, é outra coisa. Já não se arrisca o couro, como eu arrisquei — Fez uma pausa. — Depois que deram caça aos salteadores que havia por aqui... O tenente Moraes, de Vila Real, um companheiro... — Debruçou-se para a frente, bateu no ombro do «chauf-

feur»: — Você não conhece o tenente Morais da Guarda?

— Conheço, senhor engenheiro — respondeu o «chauffeur», reprimindo, a pretexto de uma curva atentamente descrita, o ligeiro voltar da cabeça para trás, que esboçara.

O engenheiro recostou-se, suspirou consoladamente, já entregue a uma sequência de lembranças mais agradáveis. E, ao colega mais novo, perguntou: — Eu não apresentei o Morais a você, uma vez que passámos juntos em Vila Real?

O outro recordou vagamente uma figura magra e alta, à paisana, de pé na borda do passeio, à porta do café, e interrompendo constantemente a conversa laboriosa para seguir com os olhos uma fêmea que passava, e dizer: — Aquela já eu fodi —. Mas a imagem não se firmava, porque uma antipatia de origem se misturava com a irritação contida que lhe causava a referência ingénua, de repetição de ideias feitas e oficiais, aos «salteadores» que suspeitava quem fossem. E ouviu o companheiro desfiar no escuro, nem bem para ele, nem bem para o «chauffeur», as recordações que o reconciliavam com as contrariedades da vida.

— Quando estive em Vila Real, a dirigir os trabalhos de reconstrução da ponte metálica... mas eu já contei isto a você... porque eu estive meses a viver ali... o que vale é que eu tinha deixado a Fernando no Porto, em casa dos meus cunhados... Aos fins de semana, descia ao Porto, e era como uma lua-de-mel. O pior era ter de pagar, à segunda-feira, logo pela manhã, antes de voltar para Vila Real, as contas do que ela comprava e mandava fazer... Era sempre um vestido, uma cadeira de torcidos e tremidos, um armário do tempo dos quintos, que ela encontrara no ferro-velho e tinha mandado restaurar. Quando a obra acabou, foi preciso um caminhão

para levar tudo aquilo para Lisboa, e eu andei, com o caminhão atrás, a arrebanhar aquilo tudo pelas lojas dos antiquários... —riu-se, e suspirou de novo, na segurança enfatiada de quem tinha meios, além do ordenado mesquinho a que correspondia com uma dedicação de todas as horas, para arcar com aquelas despesas. — Mas foi uma bela temporada!

O Morais, esse, era um tipo tremendo... — Novamente se debruçou para as costas do «chauffeur»: — Você, nesse tempo, não fazia já serviço para mim?

— Não, senhor engenheiro. Nesse tempo, eu andava com uma camioneta.

— Pois é. O Morais comandava o destacamento da Guarda, e fazia batidas pelas serranias do Norte, à caça dos contrabandistas. Mas o pior eram os salteadores.

O colega mais novo não se conteve: — Não eram bem salteadores.

— Viviam a monte, desciam às aldeias, armados, levavam quanto era comida e os porcos e as galinhas, e até violavam as moças. O Morais contou-me que, uma vez, eles tinham assaltado, nos caminhos da serra, uma velhota, e todos eles, mais de vinte, se tinham posto nela. Uma velha! Era gente capaz de tudo. E o chefe, que foi apanhado pelo Morais, parece que tinha sido oficial de marinha.

O outro interveio: — Essa história da velhota como é que esse tenente soube?

— Ora, como é que ele soube! Era coisa que, em Vila Real, toda a gente sabia. E mesmo coisas piores.

A voz do «chauffeur» veio, muito cautelosa, interpor-se também: — Eles não faziam mal a ninguém. Essas coisas diziam-se por aí, mas eles não faziam mal a ninguém. Só queriam comida.

— Só queriam comida... Mas o tenente Morais contou-me... e até veio nos jornais... Para acabarem

de vez com eles, foi preciso um cerco em forma, e veio tropa do Porto. Do Porto e de outros lados.

Que esperava você que viesse nos jornais? — comentou o mais jovem. — Que eles eram foragidos da guerra? Que tinham a cabeça a prêmio? Cá e lá? Você imagina o que foi, durante anos, por essas serras, sem terem para onde fugir, a vida deles?

O outro conveio em que eram gente desesperada, decidida a defender a pele, mas acrescentou: — Em noites mais escuras, assaltavam os automóveis. Houve um médico de Chaves que foi assaltado. As seranias estavam por conta deles.

— Você já pensou que eles andavam para cima de Montalegre, e que nessa zona não estava ainda acabada a estrada? — observou o mais novo.

— Ora! Se os automóveis esperassem que a gente acabe de fazer as estradas e as pontes previstas, nem daqui a quarenta anos começavam a andar por aí. Mas o Morais contou-me que o cerco foi uma coisa séria. Eram tipos que percebiam de guerrilhas. De resto, não faziam mais do que continuar cá o modo de vida que já tinham lá. Quando uma guerra acaba, há sempre desses tipos que não se acomodam à paz, não aceitam o novo governo, não se integram de maneira nenhuma.

— Como haviam de integrar-se? Sabe você que um amigo meu, durante a guerra de Espanha, era oficial miliciano em Chaves? E sabe você que os espanhóis do Franco, quando as nossas autoridades entregavam na fronteira algum foragido que se esca para para o lado de cá, mandavam depois uns cartões de convite para irem assistir ao fuzilamento?

— O seu amigo viu esses cartões? Ou foi coisa que lhe contaram?

— Ele viu, e ainda hoje tem um dos cartões.

— Em Chaves, uma vez, falaram-me nisso. Mas esses cartões eram propaganda comunista.

O outro calou-se. O automóvel continuava interminavelmente a descer a serra, e a névoa tornava-se mais fechada, como se fossem deslizando, aos solavancos lentos, por entre algodão esbranquiçado que tornava distantes e abafados os próprios rangidos do saibro que, às vezes, embatia contra o fundo do carro, em estalos de arma caçadeira.

— Foi um cerco em forma — repetiu o engenheiro mais velho. — Resistiram até ao fim. Os últimos, encurralados no alto de um cerro, vieram por ele abaixo de mãos no ar, quando os bombardearam a tiros de morteiro. Os mortos que iam sendo recolhidos, à medida que a tropa avançava, foram levados para Chaves e enterrados lá. No alto do cerro, também havia dois ou três, ainda vivos, o Morais foi um dos primeiros a chegar ao cimo. E tiveram de matá-los porque eles, que mal se podiam mexer, dispararam ainda contra os soldados. O Morais teve de os salvar de serem mortos à coronhada.

— Se o Morais os salvou de serem mortos à coronhada, como é que afinal tiveram de matá-los? — perguntou o outro, cuja voz tremia.

— É que... É verdade! Como é que tiveram de matá-los?...

— É isso que eu pergunto.

— Não... não sei... O Morais trouxe os prisioneiros para Vila Real; eram cinco, e um deles era o chefe, o que tinha sido oficial da marinha. Estavam feridos, esfomeados, cobertos de farrapos. O chefe perguntou ao Morais para onde os levavam, e por que os não fuzilavam ali mesmo. Imaginem. O homem julgava que, no nosso país, se fuzila! A polícia, e Vila Real estava cheia de polícia, o Morais contou-me que tinha vindo de Lisboa e do Porto uma data de «secretas», a polícia tinha ordem de os entregar às autoridades espanholas. Logo que chegaram a Vila Real, foram levados para o quartel. Aí, deixaram-nos

lavarem-se e fazerem a barba, sob vigilância, não fosse algum suicidar-se com a lâmina. Há quem faça isso. E trataram-nos na enfermaria. E deram-lhes de comer e de vestir. Eles nem queriam erer. Ninguém podia falar com eles, os «secretas» não deixavam ninguém chegar-se. Mas o Morais, que os tinha trazido, era amigo de um dos inspectores, por sinal um fulano muito simpático, homem educado, que conheci uma vez que ele veio a Vila Real, quando eu lá vivi, e o Morais então me apresentou. Boas pândegas fizemos juntos! Homem culto, viajado. Porque eles estudam muito, é uma polícia científica. Este até fizera um estágio na Alemanha, para se especializar. Lembrou-me que me emprestou um livro, um daqueles manuais que eles usam, que explicava o comunismo todo. O Morais pôde, assim, assistir ao interrogatório que o inspector fez ao chefe dos salteadores... ao chefe deles... para saber das ajudas que ele recebia, quem era que os abastecia. A polícia parece que estava certa de que os contrabandistas, bem pagos, lhes levavam aos covões da serra, onde eles se escondiam, as munições trazidas por um submarino russo. E até, no Porto, tinham prendido gente suspeita.

— Você acredita no submarino?

— E que tem isso? Um submarino não pode vir, de noite, perto da praia...

— Parece-lhe que os submarinos russos não têm mais que fazer do que vir até à costa do Minho trazer munições a um bando de sujeitos, esquecido e abandonado do mundo inteiro?

— Oh, nessas políticas nunca a gente se pode fiar. Sabe-se lá!... O chefe do grupo disse que era o chefe do grupo, e que sabia que iam fuzilá-lo, e pediu ao inspector que desse notícias dele à mãe. Era galego de Pontevedra, a mãe morava perto da cidade. Não

tinha notícias da mãe, desde que fugira. E a mãe não sabia que ele estava vivo. Que raio de ideia!... Veja você, se a pobre senhora já tinha o filho por morto, visto que desaparecido naquela confusão da guerra era a mesma coisa, e se ele estava convencido de que iam fuzilá-lo, para que a afligia, tantos anos depois?

No silêncio que se prolongou, a névoa dissipava-se, e entreviam-se, por rasgões dela, negrumes de céu em que cintilavam estrelas.

— Que frio danado! Quando é que você instala aquecimento no carro? Como se pode andar de noite, por estas estradas, no Inverno, sem aquecimento?

O «chauffeur» não lhe respondeu, e a voz retomou o fio da conversa. — Estiveram dois dias em Vila Real, guardados à vista, que era gente perigosa, capaz de tudo. Depois, de Espanha, vieram buscá-los, e o Morais não soube mais deles.

O carro deu uma guinada brusca que atirou com o mais novo dos engenheiros sobre o mais velho que gritou: — Que é isso? Você quer deitar a gente por essas ribanceiras?

— Não, senhor engenheiro. É que, se o tenente Morais não soube mais deles, eu soube. E não vieram buscá-los da Espanha, porque fui eu quem os levou lá. — a voz do «chauffeur» parecia trémula e frágil, hesitante e, no fim da fala, já arrependida.

Os dois engenheiros, ao mesmo tempo, e passada a surpresa, perguntaram: — Você? — e o mais novo acrescentou: — Foi você quem os levou?

— Sim, senhor engenheiro, fui eu —. Houve um silêncio, e ele, pigarreando, narrou: — É que eu guiava uma camioneta, nesse tempo, uma camioneta de aluguer, que fazia praça na Avenida. Uma noite, esse tal inspector veio bater à minha porta, fez-me sair da cama, e disse que tinha um serviço para mim.

Sentou-se ao meu lado na cabina, e mandou-me parar à porta do quartel. Depois, abriram de dentro o portão, e saíram de lá os cinco homens, com as mãos amarradas atrás das costas, no meio dos polícias à paisana. Fizeram-nos subir para a camioneta, com as pistolas em punho, e mandaram que eles se sentassem no chão, e os polícias sentaram-se também no chão, à volta deles. E o inspector mandou-me seguir pela estrada de Chaves. Ainda não era dia, quando passámos por Chaves; e então ouvimos uma grande vozeria atrás de nós. O inspector mandou-me parar e, de pistola em punho, apeou-se a ver o que era. — Fez uma pausa, e riu-se secamente, num riso sem vontade. — A discussão era porque um dos homens, na camioneta, dizia que queria mijar. E não podia, com as mãos amarradas atrás das costas. Ficámos um tempo infinito parados no meio da estrada, e o dia a despontar. Os polícias, alguns deles, aproveitaram para mijar, mesmo de cima da camioneta, e um berrou aos espanhóis que fizessem pelas pernas abaixo, enquanto outro, discutindo com o inspector, propunha que, para todos mijarem, desamarrassem as mãos deles, um de cada vez. Que não desamarrava coisa nenhuma, disse o inspector, e perguntou se ele queria que o homem aproveitasse para fugir e se ele queria tiroteios, ali, no meio da estrada, à beira de Chaves. Eu tinha saído da camioneta, fora mijar na berma, contra umas moitas, e vim encostar-me ao motor a ver no que aquilo dava. Os espanhóis faziam uma gritaria medonha, e o inspector, ameaçando-os com a pistola, mandou-os calar. E, depois, virou-se para o polícia que tinha dito que podiam desamarrar as mãos a um espanhol de cada vez e mandou: — Ponha esses homens a mijar.

O engenheiro mais velho deu uma gargalhada estrondosa que o lançou recostadamente no assento e se contagiou ao mais novo e mesmo ao «chauffeur».

E, engasgando-se no riso, perguntou: — E o polícia nós?

— O polícia protestou, os outros polícias desataram todos a rir, e então o inspector disse: «Se calhar nunca pegou nisso a ninguém!» E os outros ainda riram mais. O inspector mandou-os ficarem sérios, e disse «Lá na cadeia, quando torce essas partes aos presos, para obrigá-los a falar, não pega nelas? E vocês», disse para os outros, «também nunca fizeram esse trabalho?»

Com a voz inquieta e perplexa de horror, o engenheiro mais velho perguntou, não em especial a ninguém: — Eles fazem isso?

O mais novo respondeu-lhe: — Fazem.

— Não é possível.

Estabeleceu-se novamente um silêncio. Haviam saído do nevoeiro e, apenas difusas pelo embaciado dos vidros (e o «chauffeur», nesse momento, limpou o pára-brisas com um pano), as árvores surgiam bruscamente nas curvas, diante do carro, e logo desapareciam num adejar de ramos que era o balançar das molas nas covas da estrada.

— Em que estado está isto, santo Deus! Um homem chega derreado, com as vértebras todas fora da ordem! — exclamou o engenheiro mais velho. A seguir, riu consigo mesmo, e perguntou: — Mas, afinal, os homens mijaram ou não?

— Mijaram. O inspector mandou que cada um dos polícias pusesse a mijar um deles, para não se rirem uns dos outros. E quem ria, sem conseguir mijar, eram os espanhóis. Um deles resistiu, não queria deixar que lhe tocassem na braguilha. E o chefe, enquanto mijava, disse-lhe, lembro-me muito bem, «Déjalo, van a decir que te has meado de miedo».

— Era um tipo teso, como me contou o Moraes — comentou o engenheiro mais velho.

A interrupção calou o «chauffeur» que ficou guiando atentamente, até que o mais novo dos engenheiros insistiu com ele: — E depois?

— Depois... passámos por Vila Verde da Raia sem parar, e chegámos à fronteira. Na fronteira, não havia guarda nenhum dos nossos, ninguém, mas ao pé das balizas havia uma data de «guardias civis» ou lá que eram. As cancelas, a nossa e a deles, estavam abertas, e entrámos por ali dentro e parámos, o inspector mandou-me parar ao pé do posto.

— Um posto miserável que nem para chiqueiro de porcos serviria. Um das coisas boas do nosso governo são os postos fronteiriços. Haverá coisas más, coisas que não estão certas, mas os postos fronteiriços são uma boa obra. Bonitos, grandes, bem acabados, causam a melhor das impressões aos estrangeiros que chegam por estrada. E é cada vez maior o número de turistas que...

— Deixe os turistas em paz — cortou o mais novo com uma violência raivosa. — E depois?

— O comandante espanhol, ou lá que era, apareceu à porta do posto, e o inspector apeou-se e foi falar com ele. Nesta altura, a camioneta estava toda rodeada de «guardias», e os polícias saltaram para o chão. E, atrás deles, sacudidos pelos «guardias», saltaram também os cinco presos. O inspector deu-me ordem que avançasse com a camioneta e fizesse a manobra para regressarmos. Eu tinha-me apeado, e, quando ia a subir para o volante, vi os presos todos encostados à parede do posto, com os «guardias» na frente deles. E nem sei se cheguei a ouvir os tiros, porque, caíam eles, e caía eu, redondo, no chão, com uma coisa que me deu. — Fez uma pausa, durante a qual o engenheiro mais novo olhou

para fora, viu com nitidez o arvoredo esparso rolando na noite escura, notou que os vidros não estavam já embaciados, e sentiu o frio penetrante que lhe enregelava os pés.

Desta vez, sem ser necessário insistir com ele, o «chauffeur» continuou. A voz ecoava como exausta, desfeita, mas no entanto com um timbre claro, limpo.

— Quando voltei a mim, estava sentado na caixa da camioneta, no meio dos polícias, sem ser capaz de pensar em nada, só a tremer e a repetir comigo, «fui eu quem os trouxe, fui eu quem os trouxe». Os polícias conversavam uns com os outros, e falavam-me, mas eu nem os ouvia. À entrada de Vila Real, a camioneta parou, os polícias saltaram para o chão, a cabeça do inspector espreitou por cima da caixa, disse-me não sei o quê, e dois dos polícias tornaram a subir para me ajudarem a descer. Sentaram-me ao lado do inspector que, sem falar comigo, guiou a camioneta até à minha porta. Aí, apeou-se e disse-me, «Fica sabendo que não viste nada. Vê lá se queres que te ponham a mijar». E foi-se embora. Eu fiquei doente de cama, muitos dias, e, logo que estava capaz de me levantar e sair, vendi ao desbarato a camioneta. Dias passados, o homem a quem a vendi, um negociante de batata, de Vila Pouca, veio procurar-me. E entregou-me um sobrescrito que, disse ele, tinha encontrado entalado no assento. Eu abri o sobrescrito, com o coração a bater, e com vágados na cabeça, depois de ele se despedir. Era um officio com a lista dos nomes dos espanhóis, os endereços que eles tinham dado, várias coisas que eles tinham declarado para se identificarem.

— E que fez você desses papéis? — perguntou o engenheiro mais novo.

— Queimei tudo.

Ficaram calados os três, e o automóvel atra-

vessou uma aldeia que crescera à beira da estrada, porque as casas, os palheiros, os currais se sucediam a um lado e outro, iluminados pelos faróis. Longo tempo depois, chegaram finalmente ao cruzamento, e o automóvel começou a deslizar suavemente na estrada do vale, larga e pavimentada de novo. O mais jovem dos engenheiros fitou o colega. Com a cabeça pendida para o peito, ressonava num cício brando.

Assis, São Paulo, Brasil, 4/5/61.

Boa Noite

*O! ihr stillen Spiegel der Wahrheit!
An des Einsamen elfenbeinerer Schläfe
erscheint der Abglanz gefallener Engel*

*(Ó vós, quietos espelhos da verdade!
Do solitário nas ebúrneas têmporas
aparece o claror de anjos caídos.)*

Trakl

«Lisboa, 1958»

orig. de J. de S. Os Criados Capitães.
Linha: Edição 70, 1979

OS GRAO-CAPITÃES

mesa, e vai pela galeria fora, guardando ainda, enquanto dá com as pernas passadas largas que parecem lentas, o porta-moedas. E tem de desviar-se do criado que se lhe atravessa no caminho. A galeria fica praticamente deserta. A mancha amarela de um eléctrico percorre longamente o corrimão de crómio. Mas, dali a pouco, o rapaz volta, com o rosto tenso de frustração agoniada, mãos nos bolsos das calças, o peito metido para dentro, as pernas bambas. Hesitante, chega a contornar o balcão, para espreitar a outra entrada. Regressa. Ao pé da mesa onde ele estivera, o criado recolhe as moedas. O rapaz pára ao lado, e diz: — Yiu aqueles gajos que estavam ali sentados? — e, com um aceno de cabeça, indica a mesa onde as moedas brilham ao pé das duas chavinhas. O criado fita-o sem responder. O rapaz meneia, de sobrolho franzido, a cabeça de baixo para cima e de cima para baixo: — Gajos como aqueles paneleiros não deviam poder entrar nos cafés dos homens —. O criado sorri e afasta-se. O rapaz fica imóvel, de olhos caídos. E, distraidamente, as mãos saem-lhe dos bolsos e aflagam suavemente as nádegas.

Assis, 9/6/61.

Os Salteadores

*Where Lusitania and her Sister meet,
Deem ye what bounds the rival realms divide.*

*(Que à Lusitania e Sua Irmã separa
como fronteira aqui, nações rivais?)*

BYRON — *Childe Harold's Pilgrimage*
(C. I — XXXI)

«Trás-os-Montes. 1953»

Numa lividez que era névoa rolando pelos pedregais e difractando uma lua para além dela, a paisagem sumia-se lentamente, à velocidade cautelosa do carro, cujos faróis iluminavam, amareladas e constantes, as curvas tortuosas da estrada de serra. Vultos negros arfavam nos balanços sacudidos e vacilantes, e eram uma árvore despida que, mais próxima, se esbranquiçava, um cabeço rochoso emergindo da encosta, matagais rasteiros que pareciam ondular a um vento que não havia. Às vezes um vulto encinzeirado tinha semelhanças de casa perdida, casebre mal se distinguindo da serra a que se incrustava, feito da mesma pedra que as montanhas. Na solidão silenciosa e suspensa, apenas o ronronar do motor, cujas peculiaridades rítmicas assumiam carácter próprio, se dissociavam umas das outras, em sussurros cavos e em sacões agudos, apenas o ronronar ecoava sonolentemente, às vezes acentuando e outras delindo um chiar corrido e estralejado como que de águas no fundo dos vales.

Dentro do carro, agasalhados na tepidez afogueada do cansaço e do cheiro das roupas húmidas, os dois homens cabeceavam, com os olhos piscos fitos